



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ARTES

DANIELY ALMEIDA DE LIMA

O DISCURSO RELIGIOSO PROPAGADO COMO FORMA DE SEGREGAR O  
HOMOSSEXUAL

CAMPINA GRANDE - PB  
2016

DANIELY ALMEIDA DE LIMA

O DISCURSO RELIGIOSO PROPAGADO COMO FORMA DE SEGREGAR O  
HOMOSSEXUAL

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para a Conclusão do Curso de Licenciatura  
plena em Letras Português da Universidade  
Estadual da Paraíba.

CAMPINA GRANDE – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732d Lima, Daniely Almeida de  
O discurso religioso propagado como forma de segregar o  
homossexual [manuscrito] / Daniely Almeida de Lima. - 2016.  
32 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale,  
Departamento de Letras".

1. Análise do discurso francesa. 2. Discurso religioso. 3.  
Preconceito. 4. Homossexualidade. I. Título.

21. ed. CDD 261.835

DANIELY ALMEIDA DE LIMA

O DISCURSO RELIGIOSO PROPAGADO COMO FORMA DE SEGREGAR O  
HOMOSSEXUAL

Trabalho apresentado como requisito  
parcial para a Conclusão do Curso de  
Licenciatura plena em Letras Português  
da Universidade Estadual da Paraíba.

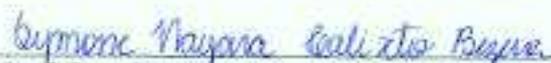
Aprovada em: 30/06/2016

Média: 8,5

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Alfredina Rosa Oliveira do Vale  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dra. Symone Nayara Calixto Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Danilo de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba

## DEDICATÓRIA

A Deus, por ser extremamente paciente e piedoso comigo...

Aos meus pais que foram companheiros em todas às horas e responsáveis pelo meu ingresso na UEPB...

Ao meu esposo Philippe Carvalho que foi meu suporte físico e psicológico em todos os momentos...

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente...

Ao meu filho, Davi Kalel, por ser minha motivação em ser melhor.

A minha mãe, a poetisa Dety Almeida, por ter plantado a semente da leitura em mim. Por ter me apresentado ao mundo da literatura e por ser responsável pela minha escolha de curso, me mostrando o sabor do “mundo das letras”.

Ao meu pai, por ter dedicado seu tempo e cansaço nas noites que eu precisava ir estudar.

As minhas irmãs, Janiely e Ana Celly, por terem acreditado que eu chegaria até aqui.

A minha alma gêmea, Philippe Carvalho, Por ser meus braços e pés em todos os momentos, por toda paciência e disponibilidade, por todo o incentivo, por nunca desacreditar, por me dá suporte em todas as ocasiões e esferas. EU TE AMO.

A minha sogra, Jacinta Carvalho, por acreditar em mim desde o começo, por me incentivar sempre.

Aos professores que contribuíram para minha formação. ■

## O DISCURSO BIBLÍCO PROPAGADO COMO FORMA DE SEGREGAR O HOMOSSEXUAL

Daniely Almeida de Lima<sup>1</sup>  
Alfredina Rosa Oliveira do Vale<sup>2</sup>

O discurso tem existência na exterioridade da Linguística, ou seja, no social, razão porque é marcado sócio-histórico-ideologicamente. Com base nesta afirmação, este Artigo Científico, tem como objetivo, estudar o discurso religioso do Pastor Marco Feliciano, em entrevista exibida no programa Conexão Repórter, transmitido pela emissora SBT, no dia 03 de Maio de 2015. Com base na Análise do Discurso francesa (doravante AD), temos a pretensão de analisar o discurso religioso acerca da homossexualidade, que dissemina o preconceito, o autoritarismo e a intolerância na sociedade brasileira, que, em sua maioria, comunga da mesma formação discursiva, interessada em coibir as práticas homossexuais, indo na contra mão do que prega o Cristianismo. Assim, o discurso religioso, que encontra eco na voz do pastor Feliciano, é usado como arma contra todo aquele que, enquanto sujeito discursivo, não (com)partilha do mesmo pensamento ideológico.

**Palavra chave:** Análise do Discurso francesa. Discurso religioso. Preconceito. Homossexualidade.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema “O DISCURSO RELIGIOSO PROPAGADO COMO FORMA DE SEGREGAR O HOMOSSEXUAL”. Sendo assim, frente ao tema, surgiu a nossa questão norteadora, que é a de descobrir qual a base da formação discursiva de quem profere o discurso religioso? Para tal questionamento, levantamos as seguintes hipóteses: O discurso religioso pode ser sustentado apenas pela ideologia de um determinado sujeito, que está inserido em um determinado grupo social, que (com)partilha da mesma doutrina religiosa, bem como, esse discurso religioso proferido pelo pastor, tem base apenas no preconceito e na homofobia.

Nosso objetivo geral consiste em analisar o discurso religioso do pastor Marco Feliciano e tem como objetivos específicos, identificar e interpretar, qual a ideologia por trás desse discurso e identificar a base discursiva que sustenta o discurso do pastor. Para tal, nossa metodologia foi feita a partir de pesquisas acerca do tema, onde identificamos a questão norteadora e, posteriormente, iniciamos o processo de análise das entrevistas e reportagens sobre o pastor, bem como, fomos enveredando pelos textos teóricos,

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, habilitação língua portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutorado em Análise do Discurso (Área de concentração Linguística) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

estabelecendo um ir e vir entre a reportagem e os textos teóricos. A respeito disso, esse trabalho tem como referencial teórico e metodológico à Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux na França em 1960 e também em alguns textos de Eni Orlandi. Para estabelecer uma fundamentação teórica à altura do desafio, dentre outros textos usados para embasar a questão ideológica, utilizamos ORLANDI(1999), ( e PÊCHEUX(1969), (1983) (1990), (1997), (2003) e (2008). Para a questão da análise do discurso, concordamos com POSSENTI(2004) e (2009), no que tange as noções de linguagem e ideologia, usamos as estabelecidas do FIORIN(2000). Finalmente, para as questões da homossexualidade utilizamos o texto de MEIRA(2004) “Destinos da homossexualidade”. Para as noções de gênero, sexualidade e dominação, norteamos este trabalho com LOURO(2010), LOURO,FELIPE E VILODRE(2010) e por fim, com BORDIEU(2010). Estes e outros teóricos, contribuíram para a formação deste trabalho, bem como, pesquisas em telejornais, jornais impressos, revistas de circulação nacional e sites.

## **1. IDEOLOGIA E RELIGIÃO**

Dissemos que, um sujeito não pode ditar o que é certo ou errado e ter isto como verdade absoluta, baseando-se naquilo em que ele acredita do ponto de vista teológico, principalmente se isso for afirmado do ponto de vista ideológico, pois esses dois pontos estão interligados, não existe discurso que não seja ideológico e não há como separar um do outro. A percepção talvez não seja tão simples, posto que, por um mecanismo da própria linguagem, somos levados a crer que os discursos se originam em nós, quando na verdade, isto é um reflexo do desejo de ser o primeiro homem dizendo as primeiras palavras, quando na verdade retomamos sentidos preexistentes. O chamado “esquecimento ideológico” produz o efeito de “evidência do sentido”, quer dizer, a impressão de que ele está lá nas palavras pronunciadas que significariam apenas e exatamente o que queremos. Daí a ilusão da transparência da linguagem, dos sentidos e dos sujeitos ORLANDI (1999). Nesse ponto percebemos que, tudo aquilo que se discursa, provavelmente já foi dito antes, pois todo discurso é ideológico e polifônico. Aquilo que alguém disse ecoa no discurso alheio que comunga dos mesmos ideais, nesse sentido, a ideologia será sempre contemporânea ao discurso, na representação desse discurso em sociedade e no mundo. Desse modo, o indivíduo pode pensar e agir

de acordo com o grupo em que está inserido, tornando-se um grupo ideológico organizado.

Nesta perspectiva, percebe-se que ao passo em que um líder religioso profere um discurso carregado de entonações valorativas e ideologicamente aprendido, isso se torna um tanto quanto perigoso para a vida daqueles que não estão inseridos no contexto exigido pela igreja. Entretanto, ao passo em que o líder religioso profere suas palavras de segregação, esquece-se de lembrar do que o próprio Deus disse em Matheus 7: 1-5:

1 Não julgueis, para que não sejais julgados.

2 Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida que usardes para medir a outros, igualmente medirão a vós.

3 Por que reparas tu o cisco no olho de teu irmão, mas não percebes a viga que está no teu próprio olho?

4 E como podes dizer a teu irmão: Permite-me remover o cisco do teu olho, quando há uma viga no teu?

5 Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e então poderás ver com clareza para tirar o cisco do olho de teu irmão.

Desse modo, em que se baseia do discurso religioso, quando combate friamente e veementemente a condição sexual de outrem. Desse modo de discurso se caracteriza por discurso autoritário. No discurso autoritário, o referente está ausente, oculto pelo dizer; não há interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida. ORLANDI (1996: 15). Ao longo deste trabalho, basearemos nosso estudo na Análise do Discurso, que estabeleceu um lugar comum onde o indivíduo que fala é pouco mais que porta-voz de discursos que o antecedem, carregando a marca da heterogeneidade, onde o papel do outro é considerado crucial e no discurso autoritário, o outro não aparece, existe um locutor que detém a palavra indiscutível de Deus.

A respeito do discurso de segregação, que verificamos, tomamos como objeto de análise, o discurso preconceituoso do pastor/deputado Marco Feliciano. O fato ocorreu no litoral norte de São Paulo, em setembro de 2013, envolvendo duas jovens: Joana Palhares Pereira, de 18 anos, e Yunka Mihura, de 24 anos<sup>3</sup>. Durante a pregação, Feliciano observou do palco, as jovens se beijando e acionou a segurança do evento:

"A Polícia Militar que aqui está, dê um jeitinho naquelas duas garotas que estão se beijando. Aquelas duas meninas têm que sair daqui

<sup>3</sup> Fonte de referência: G1 Vale do Paraíba e Região. Publicado em 17/09.2013. acessado em 12.05.2016. Disponível em <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/09/jovens-sao-agredidas-apos-se-beijarem-em-culto-de-feliciano.html>

algemadas. Não adianta fugir, a guarda civil está indo até aí. Isso aqui não é a casa da mãe Joana, é a casa de Deus" (Marco Feliciano)

Após terem sido algemadas à força por pelo menos seis guardas civis municipais em torno das 23 horas, as jovens foram encaminhadas para a delegacia. No caminho nelas afirmaram que foram agredidas pelos policiais.

“Eles tiraram a gente do meio do povo e colocaram para dentro da grade. A partir do momento em que levaram a gente para debaixo do palco, me jogaram de canto na grade, deram três tapas na minha cara e começaram a torcer meu braço”, afirma a estudante Joana Palhares, de 18 anos. De acordo com a estudante Yunka Mihura, de 20 anos, também havia casais heterossexuais se beijando no local sem problema algum. “Foi completamente injusto e horrível. Nunca senti tanta impotência ao ver os policiais batendo nela, me segurando forte e eu não podendo fazer nada. Não tiraram a gente da grade, fomos jogadas”, diz.

O advogado das jovens, Daniel Santos Oliveira Galani, aponta na ação que a prisão foi arbitrária, motivada por homofobia e sem embasamento legal. Ele conta que até hoje as jovens são identificadas nas ruas e nas redes sociais, sendo frequentemente constrangidas e agredidas. Ora, se o beijo é um reflexo do sentimento positivo, seja, amor, carinho, ou outro que uma pessoa sente por outra, porque pedir a prisão das jovens? Caso fosse pelo protesto, é garantido pelo Artigo 5º da Constituição:

**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Assim sendo, não havia crime configurado para que fosse preciso uma intervenção por força policial, a fim de coibir e reprimir o beijo das jovens. A não ser, que o Pastor tenha visto na atitude delas, um ato de atentado violento ao pudor, o que na concepção que nos cabe, soa como preconceito, tendo em vista, que um beijo é um ato de amor cometido por duas pessoas que se amam, sejam essas pessoas do mesmo sexo ou não e, por atentado violento ao pudor compreende-se, que o sujeito expresse a intenção de ter a conjunção forçada ou qualquer prática de ato libidinoso com a vítima que irá configurar o delito do artigo 213, do Código Penal, alterado pela Lei 12.015/2009, in verbis :

TÍTULO VI  
 DOS CRIMES CONTRA A DIGNIDADE SEXUAL  
 CAPÍTULO I  
 DOS CRIMES CONTRA A LIBERDADE SEXUAL  
 Estupro<sup>4</sup>

Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso:

Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos.

1º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave ou se a vítima é menor de 18 (dezoito) ou maior de 14 (catorze) anos:

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 12 (doze) anos.

2º Se da conduta resulta morte:

Pena - reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos . (NR)

Notadamente, o ato das mulheres não configuram crime algum, assim sendo, podemos afirmar, que o único motivo pelo qual o pastor solicitou força policial, foi o preconceito que ele carrega contra a relação de pessoas do mesmo sexo. Entretanto ele utiliza de entremeio linguísticos para dar ao seu discurso uma outra interpretação. Desse modo, Fica um questionamento acerca de suas pregações: Será que ele usa trechos da Bíblia, a fim de combater a homossexualidade, baseado no que disse a trindade santa, ou no que aprendeu na sua formação emocional e/ou pastoral? Os estudos aqui realizados responderão a esses e outros questionamentos.

## 1.1 EFEITOS DO DISCURSO RELIGIOSO NA VIDA DO HOMOSSEXUAL

As agressões causadas pela homofobia, são cada vez mais crescente, o Brasil registra uma morte a cada 28 horas<sup>5</sup>. No ano de 2015, foram registrados 312 mortes de gays, lésbicas e travestis e a maioria dessas mortes tiveram requintes de crueldade. Para os homossexuais as complicações são evidentes, o preconceito é uma constante e eles estão presos fortemente ao discurso preconceituoso e é notória a degradação da figura do homossexual, o seu caráter, competência, e índole são constantemente desacreditados. De acordo com o levantamento, realizado desde 1980, as maiores

<sup>4</sup> Em 7 de agosto de 2009, a Lei nº 12.015/09, que alterou a disciplina dos crimes sexuais no direito penal brasileiro, revogou o artigo 214 do Código Penal – Agora, o crime de estupro tornou-se mais abrangente. Hoje, o crime de estupro consiste em "Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso". Acessado em 12.05.2016. Disponível em <http://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/2077657/o-atentado-violento-ao-pudor-foi-revogado-pela-lei-12015-09->

<sup>5</sup> Acessado em 15.05.16. Disponível em

[http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna\\_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contr-homossexuais.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contr-homossexuais.shtml)

vítimas em 2015 foram os gays, com 54%, seguidos pelos travestis (42%) e lésbicas (4%). O Estado que mais concentrou os homicídios foi a Bahia, com 29 registros. Em seguida, vêm Alagoas, com 24, e São Paulo e Rio de Janeiro, com 23 cada. O estudo é realizado com base em notícias publicadas em jornais e sites.

O Nordeste, concentrou 43% dos homicídios contra integrantes das comunidades de lésbicas, gays, bissexuais travestis e transexuais (LGBT). Segundo Mott, o risco de um homossexual ser assassinado no Nordeste é "aproximadamente 80% maior" do que no Sudeste, por causa da intolerância. "O Brasil é o campeão mundial de crimes homofóbicos", afirma Mott. "O risco de um homossexual ser assassinado no Brasil é 785% maior que nos Estados Unidos." .

“De janeiro até agora, foram 214 mortes, a maioria delas de forma violenta. Caso de Wanderson, assassinado quarta-feira, em Bayeux, no interior da Paraíba. Antes de ser morto com tiros na nuca e no peito, foi espancado e teve o cabelo, uma longa franja pintada de vermelho, raspado. Nenhum pertence do garoto foi levado. Mesmo fim teve João Antônio Donati, de 18, também homossexual, espancado e asfixiado, em 11 de setembro, com uma sacola plástica e pedaços de papel colocados à força em sua boca. E a travesti Karen Alanis, de 23, morta no início de setembro, em Caçapava, no interior de São Paulo, depois de ter sido jogada para fora de um veículo em movimento”

O estado também é um dos responsáveis por essa escalada de violência. “Ele tem sim responsabilidade por essa realidade absurda à medida que se ajoelha ao fundamentalismo e às forças conservadoras e inibe ações de políticas públicas para essa população, quando não faz absolutamente nada para proteger a fragilidade dessas pessoas”, critica a jornalista e fundadora do movimento “mães pela igualdade”, que tem a finalidade de combater o preconceito enfrentado pelas famílias que têm filhos homossexuais, Majú Giorgi, de 48.

Desse modo, a intolerância pregada por figuras públicas como os deputados federais Jair Bolsonaro (PP-RJ), Marco Feliciano (PSC-SP) e integrantes da chamada Banca Evangélica do Congresso – que se opõem, por exemplo, à distribuição nas escolas de material didático de combate à homofobia – está custando cada vez mais vidas. Em alta, o preconceito vem alimentando uma escalada da violência contra os homossexuais. Em seus discursos o Pastor Marco Feliciano vem combatendo às práticas homossexuais e usa trechos da Bíblia para dar veracidade ao que diz. Sabemos que para muitos a Bíblia é considerada um livro sagrado e nele, supostamente, está escrito toda a verdade sobre a vida humana, entretanto, nem todos os habitantes do mundo são

Cristãos, cada grupo social pertence a determinada ideologia com a qual se assemelha, essa ideologia pode ser religiosa, política, de gênero...

Logo, percebemos que tudo é uma questão ideológica e a essa noção de discurso ideológico, Michel Pêcheux, fundador da Escola Francesa da Análise do Discurso, mostrou como a linguagem é materializada e como esta se manifesta na linguagem concebendo o discurso como um lugar particular, em que esta relação ocorre e pela análise do funcionamento discursivo. Em sua explanação, o estudioso objetiva explicar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Para o estudioso, o discurso é ideológico e carregado de efeitos de sentido.

Desse modo, nenhum texto é peça isolada, nem a pura manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição, ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade.

Dessa forma, seguindo essa linha teórica da AD, tomando como exemplo um grupo de cristãos, que comumente usam trechos bíblicos, para de certa forma, impor o que julga ser certo ou errado e, de acordo com este grupo, o homossexualismo é abominável, pois dizem estar escrito na Bíblia o seguinte trecho:

“... como homem, não te deite como se fosse mulher, é abominação...”

Levítico 18:22

Nessa perspectiva, pode-se afirmar, que o homossexualismo é de facto, repugnante. Ora, se a lei divina condena à prática homossexual e, o sujeito é Cristão, portanto temente a Deus e seguidor desta lei, porque então deve se opor? Entretanto, a questão não é meramente de oposição, mas de análise do de um determinado discurso, que é ideológico e carregado de entonações valorativas e, ainda se faz necessário entender que a religião e as religiosidades no que tange as relações sociais concretas, necessitam de uma definição, ainda que genérica, de suas expressões e de seus aspectos fenomênicos. É de fundamental importância compreender que desde o início do Cristianismo, quase todas as religiões, mantêm uma relação de poder nos mais diversificados setores da sociedade

Em contrapartida, se traçarmos um paralelo entre a mulher e a homossexualidade, frente aos discursos bíblicos, chegaremos as seguintes indagações.

hoje é comum encontrar mulheres ocupando cargos que até pouco tempo eram cargos genuinamente masculinos. Porém, nem sempre foi assim, no início da origem humana, a mulher teve um papel tímido, retraído e castrado, quer seja pelas convenções sociais, quer seja pelas mesmas leis divinas. A respeito disso a Bíblia diz:

“9 Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; 10 mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas. 11 Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. 12 Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio. 13 Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. 14 E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. 15 Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade”.

1 Timóteo 2, 9-14

Desse modo, como pode então o mesmo grupo de Cristãos, que abominam o homossexualismo, achar que as mulheres que venceram estas batalhas, que descumprem as leis divinas diariamente, são merecedoras de honrarias e, quando se trata do homossexual, também citado na mesma Bíblia. Estão condenados a danação eterna. Quais as ideologias por trás destes discursos e em que se baseia a alegação desse grupo de Cristãos, se em termos gerais, tanto a mulher quando o homossexual, descumpra a regra?. De acordo com Van Sijik (1997), “embora as ideologias sejam evidentemente sociais e políticas e estejam relacionadas com grupos e estruturas sociais[...], possuem também uma dimensão cognitiva crucial. Em termos intuitivos incorporam objetos mentais, tais como ideais, pensamentos, crenças, apreciações e valores”. Dentre todo seu pensamento sobre o discurso, pode-se destacar uma teoria que Van Sijik formulou, a fim de entender o funcionamento da cognição social, a noção de acesso discursivo, que significa de que forma é dada a chance do indivíduo se inserir socialmente num discurso de domínio prestigiado.

Ainda sobre esse assunto, em sua análise do discurso, Pêcheux (1969) ressalta, que o discurso é um instrumento que “trata o discurso do sujeito sociológico como representativo da relação entre sua *situação* (socioeconômica) e sua *posição* (ideológica) na estrutura” PÊCHEUX, ([1969], 1997, P. 149-50) . Assim seria possível analisar como é ideológico o discurso do sujeito e, principalmente, chegar a identificar as determinações desse dizer. Assim sendo, pode-se dizer, que a mulher e o homossexual fazem parte do mesmo grupo de oprimidos, que são assujeitados enquanto

ser social e peça constituinte dessa mesma sociedade, contribuindo inclusive, da mesma forma ou melhor, que o homem heterossexual, para o bom funcionamento e o pagamento de tributos cobrados igualmente a todos.

Alguns Cristãos da atualidade, descumprem os mandamentos quando tentam julgar e segregar as pessoas por causa de sua condição sexual, desse modo, nada justifica o uso de um determinado trecho bíblico, que recebe status de verdade absoluta, posto que, nessa lógica, em se tratando da palavra divina, absolutamente tudo deverá ser levado em consideração, mas, não seguir as regras estabelecidas na mesma Bíblia, torna o Cristão tão pecador quanto qualquer um outro, sem configurar crime menor ou maior. Diante do cumprimento das leis divinas, todos que não seguem a risca, serão condenados.

## **1.2 O DISCURSO DE MARCO FELICIANO: UMA DETURPAÇÃO DE GÊNERO, SEXUALIDADE E DOMINAÇÃO**

Antes de mais nada, faz-se necessário, estabelecer algumas distinções entre *gênero* e *sexualidade*, embora, algumas partes dos discursos sobre gênero, englobam as questões voltadas para a sexualidade. Recentemente, alguns estudiosos tem se debruçado sobre as questões de definição da identidade de gênero dissociada da identidade sexual, JEFFREY WEEKS (1993, p, 6) afirma diversas vezes que a “sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo”. Ele ainda compartilha do posicionamento de outros estudiosos, e fala da impossibilidade de ser “compreender a sexualidade observando apenas seus componentes ‘naturais’[...] esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais” (p. 21)<sup>3</sup>. Jeffrey parece ter seguido a linha de pensamento de Foucault, que foi capaz de traçar uma história da sexualidade (1998), concebendo-a e compreendendo-a como uma “invenção social”, ou seja, ele entendia que a sexualidade constituía-se a partir de múltiplos discursos sobre sexo, esses por sua vez, regulam, normalizam, instauram saberes e produzem “verdades”.

Tomando como base tais estudos, dizemos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem “viver seus desejos e prazeres corporais” de muitos modos (WEEKS, apud BRITZMAN, 1996). Assim sendo, suas *identidades sexuais* são constituídas partindo do modo como se relacionam e vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem

parceiros/as. Também se identificam com o social e o histórico com seres masculinos ou femininos, constituindo assim, suas *identidades de gênero*. Entretanto, é importante dizer, que as duas identidades (de gênero e sexuais) estão interligadas no sujeito, basta observar, nossa linguagem, nossas práticas e atitudes, sendo difícil pensar nas duas dissociadas, pois elas se constituem de modo semelhante, por diferentes discursos, representações, símbolos e práticas. Muitos pensam no gênero e deduzem a identidade sexual, do sujeito, baseando-se do sexo oposto para viver a sexualidade, ou seja, feminino relaciona-se com masculino ou vice e versa, e outra identidade sexual é vista como defeituosa, inclusive, alguns estudos apontam que comumente trabalhamos com gênero na perspectiva heterossexual. Mas, alguns estudiosos afirmam. Mas, assim diz Butler (apude Mac Na Ghail, 1996, p. 198)

[...] é crucial manter uma conexão não casual e não reducionista entre gênero e sexualidade. Exatamente devido ao fato de a homofobia operar muitas vezes através da atribuição aos homossexuais de um gênero defeituoso, de um gênero falho ou mesmo abjeto, é que se chama os homens gay de “feminados” ou se chama as mulheres lésbicas de “masculinas”.

Isto quer dizer que neste caso, existe um distanciamento do próprio gênero, o sujeito torna-se distante e passa a não ser considerados homens ou mulheres “reais”. Por isso faz-se necessário que um aparato teórico supra essa necessidade de se levar em consideração, as formas pelas quais a sexualidade é vista através da censura do gênero. Esta censura se dá integralmente, no meio social, é produzida numa determinada formação discursiva e propagada.

Portanto analisando os discursos do pastor/deputado Marco Feliciano, percebemos que ele não estabelece uma distinção entre gênero e sexualidade, para ele, parece que o sujeito, seja do gênero masculino ou feminino, que vive sua sexualidade com o sexo oposto, quebra as barreiras entre os dois eixos. Bem como, parece “não perceber”, que seu discurso contribui apenas para manter uma dominação masculina, que existe desde o princípio da humanidade e nada tem a ver com a questão de religiosidade. Vejamos:

“A podridão dos sentimentos homoafetivos, levam ao ódio, ao crime e a rejeição”

Via Twitter (31 de março de 2011)

O discurso do pastor, nos permite diversas conclusões, uma delas, é a de que, o homossexual é responsável pelo ódio que recebe de quem não o aceita, ódio esse que leva ao crime de homofobia e a rejeição em sociedade. Ou seja, na visão do pastor/deputado, o homossexual, vive sua sexualidade, para afrontar o que ele (pastor) julga ser o certo e, portanto, merece receber todo ódio, agressão e rejeição, que recebe de quem ou não o respeita ou comunga das mesmas praticas religiosas do pastor.

Marco Feliciano, faz parte de um grupo de religiosos que disseminam o preconceito baseando seus discursos no que diz à Bíblia, em outro discurso ele sustenta que os negros e africanos, são alvo de uma "maldição" e cita a Bíblia para se justificar. *"Citando a Bíblia (...), africanos descendem de Cão (ou Cam), filho de Noé. E, como cristãos, cremos em bênçãos e, portanto, não podemos ignorar as maldições"*, declarou, em defesa protocolada no STF após denúncia da Procuradoria Geral da República.

Feliciano afirma que isso não representa racismo, mas um apego a suas crenças religiosas e, além disso, diz que "milhares de africanos" se "curaram" dessa "maldição" ao "se entregarem ao caminho de Deus". Nos confirmando a tese de que, o único pecado que os homossexuais cometem é o de não ser "fiel" da igreja do pastor e não comungar das mesmas práticas religiosas que ele, pois não existe base científica nem tecnológica, que sustentem a tese do pastor.

Ora, se não é racismo, homofobia e machismo, precisamos alavancar os estudos sobre tais temas, a fim de encontrar uma definição para tais discursos, visto que, todo discurso é ideológico.

No sentido de dominação, a forma particular de dominação simbólica que os homossexuais sofrem, está estigmatizado em uma sociedade que acredita que, a homossexualidade pode ser ocultada, como forma de negação da existência pública do sujeito, ou seja, o sujeito pode ser homossexual, desde que, não esteja em público e que sua existência legítima seja escondida, mesmo que esta seja garantida por direitos legais. Nesse sentido, falar em dominação, devido há questões de inversão das categorias de percepção, em alguns casos, o dominado tende a se enxergar, através do ponto de vista do dominante, ele(homossexual), passa a se estigmatizar-se, sem aceitar-se, por sentir-se constrangido por ser quem é, e passa a ter medo de ser visto, de ser "desmascarado". BORDIEU, 2010 P. 144. Diz:

A particularidade desta relação de dominação simbólica é que ela não está ligada aos signos sexuais visíveis, e sim à prática sexual. A definição dominante da forma legítima dessa prática, vista como relação de dominação do princípio masculino (ativo, penetrante) sobre o princípio feminino (passivo, penetrado) implica o tabu da feminilização, sacrilégio do masculino, isto é, do princípio dominante.

Ou seja, comprovando a nossa tese de que, o discurso religioso do pastor/deputado Marco Feliciano, está equivocado, a questão homossexual na Bíblia e na história, está ligado ao fato de nivelar o homem ao patamar de mulher, os próprios homossexuais usam deste subterfúgio, para denominar aquele que é “efeminado”, chamando-o de “passiva”, ou seja, fêmea penetrável. Os próprios homossexuais aplicam a si mesmo as noções de dominação, e embora sejam tão dominados quanto as mulheres pela sociedade machista, ainda gozam do privilégio de ser homem (no caso dos gays) sobre as lésbicas.

## **2. O DISCURSO INTERPRETADO À MARGEM DA REALIDADE**

O mundo é constituído pela atribuição de sentido que os sujeitos lhe impõem. Sem a interação subjetiva, a interação dos sujeitos e a atribuição de sentido aos objetos não existem condições para explicar o processo de produção do discurso e dos sentidos. Quando à Análise do Discurso surge, ela procura sobretudo, combater uma tendência interpretativa/conteudista nas ciências sociais que lida com o texto como se ele fosse uma superfície transparente, onde, naturalmente os indivíduos mergulham para buscar os sentidos. “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” ORLANDI, (1999, p. 17). A análise do discurso enfatiza a reprodução da ideologia no discurso, como os sujeitos são posicionados dentro das formações discursivas e como dominação ideológica é assegurada através da linguagem, em detrimento da transformação social a partir do discurso, como o sujeito pode contestar e reestruturar a dominação e as formações discursivas mediante à prática discursiva.

Desse modo, aquele que se apropria do discurso bíblico, para combater a homossexualidade, mergulha nessa busca de sentidos e na dominação ideológica, a fim de dar veracidade à aquilo que se diz, embora que, segundo Pêcheux (1983), as palavras não tem um sentido ligado a literalidade, o sentido é sempre uma palavra pela outra, “está exposta ao equivoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de

torna-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro” PÊCHEUX (1983,P.53). Mas, por outro lado, será tão simples assim? Está bem claro na bíblia: “como homem não te deitará como se fosse uma mulher, porque isto é abominação”. Se isto não for uma condenação a homossexualidade, o que será então? Apesar de que está claro, que não se deve pinçar umas passagens e aplicá-las nos dias de hoje. Outro cuidado que se deve ter é saber quando e a quem esta passagem foi dirigida, pois, como foi explanado, a junção dos livros da Bíblia, foi meramente política e mercantil e menos espiritual do que se diz, podendo esta passagem ter sido dirigida há algum grupo homossexual da antiguidade, ou pode ter sido colocada lá, para afrontar alguém que mantivesse essas práticas, ou ainda ter sido interpretada de forma equivocada e essa interpretação passou a ser verdade absoluta. Nessa perspectiva temos:

- Levítico 11, 12 - diz que comer marisco é repugnante
- Levítico 19,19 - diz-me que não posso plantar tipos diferentes de sementes no mesmo campo, e nem usar roupas feitas de dois tipos diferentes de material.
- Levítico 19, 27 é expressamente proibido cortar o cabelo.
- Levítico 21,16-20 - declara que eu não posso me aproximar do altar de Deus se eu tiver um defeito físico.

Parece muito claro a percepção de que é muito incoerente e até inconveniente tirar alguns versos das Escrituras de seu contexto e tentar aplicá-los no mundo de hoje. Podemos também questionar a validade de se aplicar algumas passagens da Bíblia a um determinado grupo de pessoas e simplesmente ignorar o resto.

Primeiramente devemos entender que naquela época as pessoas não tinham a concepção de homossexualidade como nós temos hoje em dia. Tratava-se de uma sociedade patriarcal, gerida e administrada pelos homens, na qual as mulheres eram consideradas propriedades dos homens. Naquela época, sexo geralmente não tinha muito a ver com amor e muito menos com carinho. Sexo era meio de procriação e, claro, de prazer (sobretudo para os homens), mas o sexo também era sinal de dominação. Após as batalhas, era comum que os vitoriosos praticassem sexo forçado com os derrotados, a fim de humilhá-los. Proprietários de escravos poderiam normalmente praticar sexo forçado com estes como uma atitude de dominação. Para um homem livre, deitar-se com outro homem livre da mesma tribo ou comunidade,

significaria uma dominação; seria comparável a reduzi-lo ao status de uma mulher, isto o desonraria. Bem como em algumas outras sociedades o homossexualismo era encarado de forma natural.

Mesmo que alguns sejam contrários às praticas homossexuais, não se pode negar a existência histórica dos espartanos, considerados heróis e guerreiros. Alguns estudos sugerem que o comportamento homossexual fosse comum entre aqueles que participavam da rotina de batalhas. Segundo tais pesquisas, os comandantes militares acreditavam que o estreitamento dos laços entre dois guerreiros poderia fazer com que estes ficassem mais dispostos a lutar pela cidade-Estado. Além disso, o próprio envolvimento servia de estratégia ao impelir o soldado a continuar em batalha pelo seu companheiro.

Podemos ver que entre os espartanos<sup>6</sup> a questão da homossexualidade girava em torno de implicações muito distantes das nossas. Ao invés de resultar em uma ideia de comportamento frágil ou feminino, a homossexualidade ganhava outro tratamento. Nesse ponto, temos que levar em consideração que as mulheres espartanas eram vigorosas e, conseqüentemente, também estariam longe dos estereótipos mais conservadores da mulher contemporânea.

Um dos mais contundentes exemplos desse traço da cultura espartana pode ser visto na figura do general Pausanias. Na qualidade de sucessor do rei Leônidas, este conhecido líder militar defendeu a prática homossexual como sendo uma forma de expressão amorosa superior. Contudo, fazia questão de criticar severamente esse mesmo costume entre homens que fossem de uma mesma faixa etária. O olhar que o homem lança ao passado sempre está impregnado por algum interesse ou valor elaborado no presente. No tema aqui explanado, percebemos o sentido real desta frase ao observar melhor a cultura espartana. Sem dúvida, as “novas informações” que chegam do passado têm a impressionante capacidade de mudar muitas das impressões que tomávamos antes como um dado natural daquilo que já conhecíamos.

Então, percebe-se que está questão de preconceito, não é meramente bíblica ou cristã, existe muito mais por trás dos discursos, o sujeito psicológico dos opositores ao homossexualismo, estão carregados de ideologias sociais, baseadas não se sabe em que,

---

<sup>6</sup> “Contudo, alguns estudos sugerem que o comportamento homossexual fosse comum entre aqueles que participavam da rotina de batalhas. Segundo tais pesquisas, os comandantes militares acreditavam que o estreitamento dos laços entre dois guerreiros poderia fazer com que estes ficassem mais dispostos a lutar pela cidade-Estado. Além disso, o próprio envolvimento servia de estratégia ao impelir o soldado a continuar em batalha pelo seu companheiro”. Acessado em 12.05.2016. Disponível em <http://historiadomundo.uol.com.br/grega/o-exercito-homossexual.htm>

alguns costumam dizer que não são contra o homossexual, mas a homossexualidade e isso não muda nada, é apenas um trocadilho para não assumir o preconceito. O homossexual não precisa do perdão ou da aprovação da religião para vivenciar a sexualidade. Como diz BAUMAN (2003: 58) ninguém impede ninguém, de ser o que é e ninguém parece impedir ninguém de ser diferente do que é, apesar de favorecer a complicação. A condenação eclesiástica é forjada no preconceito, e, assim, demonstra toda sua desumanidade, pois atíça a intolerância real ou simbólica contra os homossexuais. E, de um modo geral, provoca sofrimento psicológico no masculino. Não fala-se da homossexualidade explícita, mas do desejo homoerótico que transforma o sonho de muitos homens em pesadelo, devido à essa culpa e medo. Freud (*Apud* MEIRA, 2004), diz nunca ter analisado nenhum homem que não tivesse uma considerável homossexualidade.

## 2.1 A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA BÍBLICA NA DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO DO PASTOR

Antes de iniciar as análises, devemos entender o que é hermenêutica.

Hermenêutica: sf Interpretação do sentido das palavras, das leis, dos textos, etc. - s.f. Arte de interpretar os livros sagrados e os textos antigos: hermenêutica sagrada. / Teoria da interpretação de vários sinais como símbolos de uma cultura. / Arte de interpretar leis.

(fonte>[http://www.guia.heu.nom.br/derived/dicionário.htm\\_cmp\\_c-pia-de-met-lico110\\_bnr.gif](http://www.guia.heu.nom.br/derived/dicionário.htm_cmp_c-pia-de-met-lico110_bnr.gif))<sup>17</sup>

Sendo assim, é preciso entender que o estudo da hermenêutica é de suma importância para tentar interpretar o que realmente está escrito na Bíblia, é a interpretação da Bíblia pela própria Bíblia, posto que, para os cristãos, o livro sagrado é a revelação de Deus para a humanidade, por isso, saber lê-la é tão importante, mesmo que devido às várias interpretações equivocadas, tenham prejudicado o entendimento acerca da mesma. Para tal, é preciso compreender o distanciamento que temos da época em que a Bíblia foi escrita, são mais de quatro mil anos no primeiro livro e mais de dois mil anos do último livro, de lacunas a serem preenchidas, pode-se então, dar dois distanciamentos correspondentes ao assunto, o primeiro, pode-se dizer que é o

<sup>17</sup>Acessado em 15.05.2016. disponível em

(fonte>[http://www.guia.heu.nom.br/derived/dicionário.htm\\_cmp\\_c-pia-de-met-lico110\\_bnr.gif](http://www.guia.heu.nom.br/derived/dicionário.htm_cmp_c-pia-de-met-lico110_bnr.gif))

distanciamento causado pela natureza humana, ou seja, apesar de ter sido inspirada por Deus, o sujeito que recebeu essa inspiração, tinha seu contexto sócio, histórico e ideológico a ser levado em consideração e também, a Bíblia foi inicialmente escrita no antigo oriente médio, pelas civilizações mais antigas, tais como, o império romano e a Grécia antiga, por culturas diferentes da existente no Brasil por exemplo, logo, o contexto em que o livro foi escrito não existe mais.

Chegando ao ponto deste artigo, que pretende aparar as arestas linguísticas existentes entre o que Deus disse, o que alguém entendeu, como essa pessoa propagou e como isso chegou aos ouvidos dos cristãos atuais. Considere que a Bíblia não foi escrita em português, muitas das palavras traduzidas para o nosso conhecimento linguístico, não condiz com a literalidade original da palavra. Foi escrita em três línguas mortas, o Hebraico bíblico, que é diferente do Hebraico Irish, que é atualmente falado em Israel, em Grego Koiné que é a forma popular do grego que emergiu na pós-Antiguidade clássica e diferente do Grego Demotic, falado atualmente na Grécia, e por último, em Aramaico que é também uma língua morta, ou seja, a tradução dessa escrita, para língua vernacular, sofreu alterações grotescas e muitas vezes erradas, e, em se tratando de sua tradução, para o português falado no Brasil, a lacuna é ainda maior. Por tanto, esses distanciamentos interferem diretamente na tradução e interpretação bíblica.

Outro ponto a ser analisado, no estudo bíblico, é de que a natureza divina é diferente da humana, se trata por tanto, de um Deus extremamente poderoso, onipotente, onisciente, onipresente, detentor de todos os mistérios do universo e criador do mesmo, tentando manter contato com uma raça limitada, mortal e pecadora, esse fato por si só, já limita a compreensão. Essa questão de ser pecador, também limita terminantemente esse processo, tendo em vista, que o pecado, limita a compreensão moral e psicológica dos fatos, portanto, é comum ler trechos na Bíblia que não são muito claros.

Levando em questão todos os aspectos citados, ora, o início de sua escrita data de mais de 5 mil anos, apesar de ser um livro divino-humano não caiu do céu pronto e acabado, seu processo de escrita, edição e publicação, sofreu interferências políticas, históricas, culturais e temporais, que favoreceram a interpretação inadequada, bem como a tradução diferente do original, dando origem a um texto tendencioso.

Historiadores discordam quanto ao tempo em que a Bíblia começou a ser escrita, entretanto, todos concordam quanto as traduções errôneas que existiram, posto que, foram mais de 40 autores entre os anos, 1500 a 450 a.C e, escrita em três línguas diferentes e traduzidas baseada em diversas outras ideologias, obviamente que alguns

fatos podem ter passado despercebido. Serão citados os sete erros<sup>8</sup> de tradução e interpretação mais comum e que poucos percebem:

- I. O fruto proibido – Desde o início do cristianismo, boa parte deles acreditam que Adão e Eva comeram uma maçã, o fruto proibido ou do conhecimento, este fruto foi oferecido a Eva pela serpente e Eva por sua vez, ofereceu para Adão e por isso foram expulsos do Jardim do Éden. Entretanto, palavra maçã e até mesmo a fruta não aparecem nas escrituras originais escritas em Hebraico, Aramaico ou grego. Mesmo assim, o equívoco de interpretação foi propagado e acabou por aparecer em várias versões bíblicas. Tal erro pode ter sido cometido, porque existe um contexto em que fala-se da fruta da “árvore do bem e do mal” esta passagem fala isso, logo, o tradutor pode ter deduzido que se trata de uma maçã.. O erro teria se iniciado porque no inglês médio, a palavra “apple”, maçã em português, era utilizada para se referir a todos os tipos de frutas.
- II. A serpente do diabo - Conforme citado acima, teria sido a serpente diabólica, a responsável por convencer Eva a comer fruto proibido. Entretanto nas escrituras originais apenas dizem que ela é apenas o “mais astuto do que qualquer outro animal na Terra”, a serpente ao diabo, não há relação linguística nas escrituras.
- III. A arca de Noé e os animais – De acordo com as leis judaicas da época e os escritos originais, os animais “limpos”, teriam entrado em grupos de sete e os animais “não limpos” teriam entrado aos pares, ou seja, não condiz com a versão bíblica que diz que, todos os animais entram em pares de macho e fêmeas, talvez, a ideia de que macho e fêmea são a junção “normal” de par. Ainda de acordo com as leis judaicas e os escritos originais, os grupos de animais limpos estavam em maior espécie, logo, a história contada de par em par, não condiz com a realidade, entretanto, a versão que prevaleceu foi a que contou a história mais “fácil e organizada”, do ponto de vista de explicação.
- IV. Os dez mandamentos – O que se sabe é que não existia uma lista exata que contivesse os 10 mandamentos. O que existia em princípio eram 14 ou 15 recomendações no livro de Êxodo. O que existe é uma referência a um grupo de dez regras, mas, que não é mencionando que vem a ser os 10 mandamentos. Dessa forma, por tal motivo, diferentes religiões cristãs dividem os

---

<sup>8</sup> Acessado em 15.05.2016. Disponível em: <http://exegeseoriginal.blogspot.com.br/2012/05/erros-de-traducoes.html>

mandamentos de forma diferente, a igreja católica, aceita os 10 mandamentos e para isso, fez uma composição de três últimas regras em uma só.

- V. A concepção da Imaculada – A referência feita acerca da concepção da imaculada, quando citada na bíblia, é referente a própria Maria (que alguns estudiosos dizem ser Mirian e não Maria) e não a Jesus. Assim sendo, ela, a mãe de Jesus é que teria sido concebida sem pecado original no ventre de Ana sua mãe e não Jesus como muitos pensam.
- VI. O três reis magos – Os escritos originais não confirmam que foram três o número de homens que foram ver Jesus e sim, que era três presentes, entretanto, na bíblia traduzida para o português, bem como em outras nacionalidades, aparece a história comumente contada, de que foram três reis magos.
- VII. A profissão de Maria Madalena - Quem era de fato Maria Madalena? Por um ledor enganado ela aparece como sendo a prostituta de quem Jesus expulsou sete demônios, entretanto, ter demônios no pensamento judaico, era ter doença, o sentido de demônios não era o mesmo que conhecemos. Maria Madalena era a seguidora de Jesus e seu amor por ela era maior que pelos outros discípulos, em apócrifos encontrados no Egito, fica clara a predileção dele por ela, talvez por isso, a apontaram como prostituta, mesmo não tendo nenhuma menção com relação a isso, para que assim, todos subestimassem sua conduta perante os judeus da época.

Todos esses apontamentos é uma tentativa de deixar claro que a Bíblia não é o livro puro e imaculado que algumas religiões cristãs pregam, sua composição foi feita por homens, portanto, é humanamente possível que esses homens possam ter colocado suas predileções em sua composição. Outro ponto a ser questionado é o fato da escrita e das traduções feitas ao longo de mais de cinco mil anos, linguisticamente falando, existe uma relação de sentido e interação dos sujeitos entre o que Deus inspirou, o que o homem entendeu disto e que esse propagou e o que o povo entendeu.

Sobre as relações que permearam intervenção divina na escrita e a junção dos livros bíblicos concordamos com o que diz POSSENTI (2004 p. 62) “Parece que se pode dizer que tais análises mostram claramente em relação ao sujeito do discurso, que, de duas uma: ou ele não está sozinho, ou não executa seu papel uniformemente. Em qualquer dos casos, definitivamente, ele não é uno. Ou seja, o discurso que produz não é

um produto exclusivo de um pretense sujeito uno e não submetido a condições exteriores”.

O alvo de todo esse processo, era a mulher e se quem faz uso da bíblia para combater a homossexualidade e afirma que: tudo que está escrito na bíblia é a palavra de Deus, portanto verdade absoluta e incontestável, deve aceitar tudo que lá está escrito, sem escolher o que tem menos ou mais importância. A questão homem e mulher é clara, em Timóteo 2:11-15 diz que:

“11 A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. 12 Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. 13 Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. 14 E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. 15 Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.”

Ou seja, mulher é para ser mãe, “apenas” isso, não deve pregar em igreja, não deve ensinar aos homens, deve ser extremamente submissa ao homem, pois esta é propriedade dele. É nesse contexto que a homossexualidade é considerada como crime, quando um homem, desbravador, dominador e viril, se coloca enquanto mulher numa relação passiva, deixa de lado a sua grandeza de homem, portanto, é um crime maior se colocar no papel de fêmea do que manter uma relação homossexual em si. Portanto, a transgressão maior, era ser homem e desempenhar papel de mulher.

O apóstolo Paulo por exemplo, era a favor da escravidão e de acordo com ele, seria permitido ter escravos até hoje, pois está é a palavra de Deus e não deve ser questionada. Mas, o contexto no qual Paulo escreveu a palavra poderia ter sentido, entretanto, não se pode condenar os egípcios por manter o povo hebreu em regime de escravidão. Esta é a questão, não se deve usar a Bíblia para condenar ou segregar o homossexual, posto que, a Bíblia está repleta de outras regras e rigores que não são cumpridos na atualidade, bem como, as traduções foram equivocadas devido ao fato deste livro ter sido escrito em línguas mortas, bem como, num contexto histórico e social completamente diferente do que se vive na atualidade.

Assim sendo, faz-se necessário, alavancarem os estudos acerca da hermenêutica bíblica a fim de provar que, houve equívocos de interpretação e tradução, que foram propagados aos longos dos anos e que causam transtorno na vida de muita gente que não com(partilha) de tais práticas/doutrinas religiosas.

### 3. A HOMOSSEXUALIDADE DO PONTO DE VISTA DE MARCO FELICIANO

Em muitas de suas falas homofóbicas, durante a entrevista, o pastor/deputado Marco Feliciano, alega que “o homossexualismo é um fenômeno comportamental, que precisa ser estudado e que mesmo sendo uma premissa cristã ‘amar ao próximo’, ele pode amar um homossexual pecador, mas não tem condições de aceitá-lo”. Esse discurso, que vem sendo propagado há muito tempo, ecoa no grupo social o qual ele está inserido e assim como acontece com seus fiéis, que se apropriam dos ecos do discurso do pastor, nas falas de suas filhas, também é possível encontrar as mesmas falácias e ecos.

Quando questionadas o que acham da homossexualidade, elas dizem: “eu penso igual ao meu pai, não é normal”, e quando mais vez, questionadas pelo repórter se elas teriam amigos(as) homossexuais elas responderam que NÃO, deixando claro, que o discurso e ideologia propagadas pelo pai, surtem o efeito de sentido desejado. Ora, sendo Cristão protestante praticante, conhecedor das leis divinas, sabe que deve amar ao pecador, porque assim disse Jesus, porém, o pastor/deputado não é capaz de aceitá-lo e faz suas pregações com duro combate contra o homossexualismo. Durante a entrevista ele afirma que:

“Eu estudei o fenômeno homossexual e, de cem pessoas que eu entrevistei, noventa por cento sofreram abuso sexual na infância e tem família desestruturada”

Não existem dados legais que confirmem a pesquisa do pastor, entretanto, existem diversas pesquisas em andamento que tentam provar que a homossexualidade é algo que nasce com o sujeito<sup>9</sup>. Afirmar que a causa da homossexualidade é em decorrência de abuso sexual na infância ou falta de estrutura familiar, pode tornar o homossexual vítima de uma sociedade que julga-se melhor, por ter recebido os devidos cuidados na infância e por ter uma boa estrutura familiar. A escolha do léxico usada pelo pastor, dá ao homossexualismo um arquétipo de brutal, transparece que o indivíduo

---

<sup>9</sup> Pesquisa afirma que, existe uma glândula na ponta do nariz, chamada de vomeronasal, que define nossa atração sexual, devido a captação de feromônio, se o indivíduo tem tendências homossexuais, ele será atraído pelo feromônio do mesmo sexo, se ele tem tendências heterossexuais, ele sentirá os feromônios do sexo oposto e se tiver tendências bissexuais, sentirá atração por ambos. Acessado em 08.02.16. Disponível em <http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=841>

só comunga dessa prática, porque sofreu abuso sexual na infância e coloca o homossexual na posição de futuro possível agressor. Esta parece ser uma regra da maioria das igrejas Cristãs. Em outra igreja Cristã denominada Assembleia de Deus, o pastor Alessandro Barbosa afirma que, em sua opinião, "ser homossexual é o mesmo que ser mentiroso, adúltero, alguém que gosta de enganar as pessoas, um picareta", ele parece ignorar o ser humano por trás da condição sexual. Embasando sua tese, mais uma vez e parece ser regra de alguns religiosos, ele cita o seguinte trecho:

“como homem, não te deite como mulher, é abominação”

Levítico 20:13

Primeiramente é necessário compreender o contexto em que o livro foi escrito, sua escrita é atribuída a Moises, entretanto, não existem evidências que confirmem essa tese. Essas regras foram ditadas enquanto Moisés guiava o povo pelo deserto, logo após libertá-los do domínio do Faraó Ramses, pelo deserto. Esse povo perambulou por quarenta anos, durante esse tempo, Moisés teve que adaptar-se ao povo e vice-versa, então, ele teve de implantar ou reimplantar a ideia do Deus adorado por ele. Logo surgiu um conjunto de regras, chamado de Levítico, um código sacerdotal e teocrático da comunidade política de Israel, portanto, querer implantar esse conjunto de regras, a qualquer povo e qualquer tempo parece não ser coerente, tendo em vista que, esse conjunto de regras serve para o contexto do povo quase que nômade, que se tornou o povo que iria para terra prometida guiados por Moisés. O Levítico é um conjunto de regras misturadas entre leis de pureza, ritualístico e sacerdotal, bem como, de agricultura, saúde pública, regras de higiene, código penal, ou seja, foi um conjunto de regra destinado aquele povo. Por exemplo: *Levíticos 25:44 afirma que eu posso possuir escravos*

Se vamos valorizar a passagem bíblica sobre a homossexualidade, então teremos de fazer o mesmo em relação ao restante. Podem alegar que algumas leis podem ter mais importância que outras, mas, em se tratando da palavra de Deus, então, absolutamente tudo é importante, logo, devemos seguir a risca qualquer lei, de acordo com o ponto de vista de quem combate a homossexualidade baseando-se na Bíblia. Essas leis são essencialmente masculinas, eram escritas por homens, pelos homens e para os homens do início ao fim, a Bíblia coloca as mulheres em papel de submissão e propriedade, logo, se analisarmos, um homem não devia colocar-se tal qual uma, isso não era digno. Portanto, a passagem bíblica no levítico, pode ter este sentido, de rebaixar-se fazendo

um papel sexualmente passivo tal qual uma mulher e não de proibição em relação a homossexualidade.

Essa prática de que a mulher servia apenas para procriação, não era apenas costume do povo Hebreu, essa era uma prática das civilizações antigas, até porque a homossexualidade era coisa comum, somente no ano de 533 a.C. é que devido a um decreto do imperador cristão Justiniano, tornou-se crime sobre pena de morte, quem mantivesse relações homossexuais. Os gregos, uma das civilizações considerada avançada, tinha essa prática como sendo comum um homem mais velho manter relações sexuais com um mais novo, Sócrates por exemplo, o tutor de Platão chegou a declarar, que sexo anal era sua maior fonte de inspiração e que relações heterossexuais servia apenas para procriação. A mulher apenas servia para procriar.

Marco Feliciano afirma que:

“A união homossexual não é normal. O reto não foi feito para ser penetrado”

Revista veja (05 de março de 2013)

Para reforçar a ideia de proibição da homossexualidade, cita a história de Sodoma e Gomorra, inclusive o termo técnico “sodomia” (sexo anal) deriva do nome da cidade, cujos cidadãos fora acusados de praticar atos libidinosos, entretanto, a história narrada por muitos não condiz os fatos ocorridos e que são erroneamente interpretados.

E vieram os dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro e inclinou-se com o rosto à terra;

E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavaí os vossos pés; e de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. E eles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite.

E porfiou com eles muito, e vieram com ele, e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete, e cozeu bolos sem levedura, e comeram.

E antes que se deitassem, cercaram a casa, os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, desde o moço até ao velho; todo o povo de todos os bairros.

E chamaram a Ló, e disseram-lhe: Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos.

Então saiu Ló a eles à porta, e fechou a porta atrás de si,

E disse: Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal;

Eis aqui, duas filhas tenho, que ainda não conheceram homens; fora vo-las trarei, e fareis delas como bom for aos vossos olhos; somente nada façais a estes homens, porque por isso vieram à sombra do meu telhado.

Gênesis 19:1-8

Está muito claro, em relação ao contexto geral em que os fatos narrados aconteceram, o que caracteriza este povo como pecador diante de Deus, era sua falta de hospitalidade, de amor para com o próximo, de civilidade de um modo geral, já que os costumes de grande parte do povo hebreu, era de tratar muito bem aquele que visitasse sua casa, e, o povo de Sodoma e Gomorra não mantinham estes costumes.

Nos chama atenção o fato de Ló oferecer suas próprias filhas para que fossem estupradas por uma multidão de homens enfurecidos, e de que o pastor/deputado e a grande maioria dos líderes religiosos, não atentarem o quão grave foi o pecado de Ló, confirmando a tese de que a mulher na antiguidade nada era além de posse do pai e depois do marido, parecia não ter sentimento, parecia não ser gente e criatura de Deus, pois, o pai oferece duas filhas virgens como se estivesse oferecendo um animal para um sacrifício.

Para chegar a tal conclusão, é preciso basear-se no princípio da exegese, o qual diz que deve-se comparar o texto com outras referências em que o mesmo aparece, por exemplo o livro de Ezequiel diz que:

“Eis que essa foi à iniquidade de Sodoma, fartura de pão e próspera ociosidade teve elas e suas filhas, mas nunca amou o pobre e o necessitado”, (16 :49).

Desse modo, pode-se concluir a partir da leitura de Ezequiel 16: 49, que o verdadeiro pecado de Sodoma e Gomorra de fato, foi à falta de hospitalidade para com o próximo, reforçando a tese de que os cidadãos não comungavam de práticas amigáveis uns entre os outros e não a prática homossexual, que nunca fora citada, em nenhuma das referências existentes acerca da história das cidades, em nenhuma outra passagem bíblica.

No livro de Mateus, Jesus fala sobre Sodoma e Gomorra e conhecendo todo o contexto histórico da época, deixa claro, que era o pecado por falta de hospitalidade para com o estrangeiro e entre si, que Deus mandou destruir a cidade. Assim disse Jesus ao enviar os seus obreiros para anunciarem a mensagem do Reino no livro de Mateus:

“Ao entrares na casa, saudai-a. Se, porém, não o for, tornem para vós outros a vossa paz. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sair daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no dia do juízo, do que para aquela cidade”, (10:13-15).

Em outro discurso proferido pelo pastor/deputado Marco Feliciano, no congresso dos Gideões e Missionários, em setembro de 2012, ele afirma que “A Aids é o câncer gay”. Pois bem, em todas as formações discursivas do pastor, fica claro o alto grau de homofobia, machismo e preconceito que ele carrega. A dominação masculina está de tal maneira ancorada em nosso inconsciente, que muita gente, concorda com tais discursos, ou por falta de conhecimento científico para contesta-lo, ou por excesso de ideologias preconceituosas como as do pastor.

Assim sendo, conclui-se que, as interpretações feitas ao longo do tempo, e principalmente ditas pelo pastor, foram feitas de forma equivocada sobre a história de Sodoma e Gomorra. Entretanto, a correta interpretação do texto traz para “o Cristianismo uma verdade inquestionável: os que rejeitam ou excluem qualquer ser humano, por cor, classe social, sexo, idade, orientação sexual, por serem estes diferentes ou provenientes de algum grupo social distinto e aqueles que abusam de outra pessoa, verbalmente ou fisicamente, estarão cometendo o pecado e certamente sofrerão juízo divino” LIMA (2014).

#### **4. ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS FATOS**

O discurso religioso é um discurso autoritário, que não deixa margem para a interação discursiva, quem detém a palavra (líder religioso...) fala e o receptor (integrante da religião, ouvinte...) apenas ouve, não é permitida a interação dos sujeitos. Muitas vezes, o sujeito pode não concordar com o que está sendo dito, entretanto, aquilo que é visto como verdade absoluta não pode ser contestada. Dando origem a um número grande de falácias, algumas delas aparecem de modo mais repetitivo, como é o caso, da falácia acerca da tradição, sustentando o fato de que “ tudo acontece dessa forma, desde o passado”, logo não deve ser alterada tampouco contestada, outra falácia supracitada neste trabalho é sobre a homossexualidade, é uma tradição repetir o discurso que ecoa há milênios, sem alterá-lo, tampouco estudar e contestar a verdade.

Por discurso, Michel Pecheux propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Segundo ORLANDI (1999), o discurso não é mera mensagem em si, mas o efeito que ela causa entre os locutores, reforçando a tese de que, algo dito pelo líder religioso, surte o efeito desejado no receptor, que por sua vez propaga o que ouviu. Ainda afirma que o discurso é a materialidade específica da ideologia, e a materialidade específica do discurso é a

língua, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” ORLANDI, 1999, p. 17).

Entre os objetivos deste trabalho, não procuramos uma chave para a interpretação literal da Bíblia, apenas uma compreensão de como alguns objetos simbólicos ganham amplo sentido com status de verídico e fogem da noção hermenêutica de interpretação. Para compreender de forma mais clara, se faz necessário considerar as noções de interdiscurso O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa uma situação discursiva dada. O interdiscurso é a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um discurso não discernível de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória POSSENTI (2009, p. 281,282). Por ser heterogêneo, o discurso sofre interações que o modificam, aquilo que se disse aqui, entra noutro discurso ali e dá origem a um novo discurso totalmente modificado devido a interdiscursividade, pois o dizer não é propriedade particular, às palavras se significam pela história e/ou pela língua. Enquanto sujeito, diz, pensa que sabe o que diz, entretanto não tem acesso ao modo como os sentidos se constituem nele. O que ele sabe não é suficiente para se compreender que efeitos de sentidos estão em determinado discurso ORLANDI, (2000, p.31).

È preciso se fazer um estudo de texto bíblico na íntegra respeitando a hermenêutica e a exegese a fim de compreender os efeitos de sentidos que foram dados a determinadas passagens, respeitando o texto na íntegra. O texto é uma unidade feita de som, letras, sinais diacríticos, margens, notas, imagens, sequências, como uma extensão dada, com (imaginariamente) um começo, meio e fim, tendo um autor que se representa em sua origem, com sua unidade, lhe propiciando coerência, não-contradição, conferindo-lhe progressão e finalidade. ORLANDI, (2008, p. 112).

Considerar o “autor” da bíblia também é importante para compreender as formações discursivas. A formação discursiva é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo FIORIN, (2000, p. 32), portanto, para cada formação ideológica corresponde uma discursiva. Essa formação discursiva é propagada e ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo da aprendizagem linguística, ou aprendizagem de discurso, assim, sujeitos aprendem e repassam as lições acerca das histórias bíblicas e esses dizeres não deve ser contestado. Embora esse sujeito não compreenda a noção de discurso religioso, que de acordo com ORLANDI , 2003, p. 242vem a ser:

A noção de discurso religioso é “aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Assim, o locutor e o ouvinte pertencem a duas ordens de mundo diferentes e afetadas por um valor hierárquico, põe uma desigualdade em sua relação: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus), enquanto que o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens).

Estabelece-se aí um distanciamento do homem para com Deus e mesmo que esse homem julgue ser conhecedor das leis divinas, sempre haverá este distanciamento, sem permitir que aconteça o princípio da reversibilidade, no qual, o locutor não fixa lugar na sua posição de locutor e nem o ouvinte fixa sua posição, os dois transpõe de seu lugar de origem. Se trata de um discurso autoritário e este por sua vez não estabelece a reversibilidade. Althusser (2001) afirma que Deus interpela seu sujeito em sujeito cristão e que, portanto, se existe uma multidão de sujeitos cristãos é porque existe o todo poderoso (Deus), por meio do líder religioso, que assujeitou indivíduos livres em sujeitos cristãos.

De acordo com o autor o sujeito único e absoluto (Deus) é distinto dos sujeitos interpelados e o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus, através da voz do padre, do pastor ou pregador. Daí termos os “representantes de Deus na terra” como seus interlocutores-interpelados. Apaga-se, desse modo, qualquer possibilidade de um sujeito-leitor (das escrituras). Orlandi,(1996: 245) nos diz que:

O discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-lo de forma alguma (...) Há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: a relação do representante com a voz de Deus, é regulada pelo texto sagrado, pela igreja e pelas cerimônias.

Ou seja, quando o Pastor Marco Feliciano, em seu discurso que é objeto de estudo deste trabalho, aparece, vestindo roupa de fios diversos, quando ele não prega contra a autonomia feminina na igreja, quando ele permite que existam pastoras em sua igreja, foge as regras estritas estabelecidas pela própria Bíblia, deixa claro que sua intensão, e de alguns líderes religiosos parece ser a mesma: capturar o indivíduo livre e assujeitá-lo a um poder superior, podendo-se inclusive afirmar que o indivíduo livre é interpelado por Deus para que livremente aceite sua coerção a um poder superior (ele próprio, Deus, é o poder superior), conforme pontua ORLANDI (1996). Desse modo, é possível afirmar que, ao assumir a posição de assujeitado o indivíduo que propaga o discurso que Marco Feliciano e outros líderes religiosos acerca da abominação da

homossexualidade, não o faz unicamente por concordar, antes, absorve um discurso autoritário, que não deixa margem para diálogo, toma esse discurso como sendo primeiramente verdade absoluta por se tratar da “palavra de Deus” e depois o propaga de forma aleatória com a intensão de reprimir outrem.

É importante estabelecer a forma pela qual o individuo adquire essa ilusão, sabe-se que ela se dá dentro da bíblia em conjunto com certas regras pré-estabelecidas pelo locutor, pela hierarquia politica e social e pela situação histórica. Ela confirma a dissimetria e a polifonia entre sujeitos falantes. Daí muitos traços serem comuns a vários discursos. Verifica-se portanto, na análise do discurso do Pastor, que ele sustenta seus argumentos com base na ideologia da igreja, o conjunto de ideologias doutrinárias da igreja é tratado como sendo do próprio Deus e não se admite nem sequer a hipótese de intervenção humana, em se tratando da Bíblia, no que tange a junção dos livros e a intervenção política que esta junção sofreu interferências políticas. Nesse sentido, admite-se que o homem apenas foi instrumento divino e fez tudo conforme a vontade de Deus, desse modo, a fala do Pastor é legitimada pela igreja, pois assim é o querer de Deus. Considerando-se que a voz de Deus fala através da voz do pastor, apaga-se qualquer possibilidade de resistência ao discurso religioso e este, portanto, torna-se verdade absoluta e irrefutável.

Amar a Deus e tê-lo como bem maior parece ocorrer em consequência da união a Deus, que é o Outro Sujeito, a quem os sujeitos devem se submeter (ORLANDI, 2003, p. 242). Compreende-se que, quem não se submete ao Sujeito (Deus), quem não comunga dos mesmo preceitos, quem não vive conforme as doutrinas estabelecidas pela igreja detentora de toda a verdade acerca das palavras de Deus, não terá direito a salvação eterna, o que não condiz com o motivo pelo qual, Jesus foi enviado e morto, para que todos pudessem ter direito a remissão dos pecados, entretanto as praticas e discursos religioso parece que ainda não saíram do contexto em que o velho testamento foi escrito.

Assim, a voz que institui o pastor, constitui-se em salvação e reconhecimento para os que se submetem a Deus; porém, o sermão torna-se ameaçador aos que não se submetem ao Sujeito: não serão salvos. Há um empasse entre o discurso do pastor e a verdade, no entanto, as palavras proferidas por ele, levam os seus ouvintes a acreditar que tanto as palavras quanto o seu Deus são atemporal e merecem respeito absoluto, não importando-se em desrespeitar a fé alheia e o gênero sexual do outro.

Na análise do discurso religioso, aqui realizada, percebemos que os locutores não abrem espaço para falar do sofrimento do homossexual, enquanto ser humano, que sofre preconceito e todo tipo de violência psicológica e principalmente física e, falar e se compadecer do sofrimento humano, portanto do sofrimento do pecador, ao cometer o pecado, que é princípio doutrinário do cristianismo, “amar ao próximo como a si mesmo”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como bem disse Pêcheux, a ideologia é definida “enquanto mecanismo estruturante do processo de significação”. Como tal, ela aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história. É a ideologia que produz o efeito de evidência dos sentidos, fazendo parecer que há uma relação de transparência entre significante e significado. Para ele, esse é um efeito ideológico elementar.

Assim, ainda que o sujeito, que se apropria do discurso bíblico, para questionar a homossexualidade, tem a ilusão de ser fonte de seu dizer e de ser responsável pelo que diz, é duplamente determinado pelo seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente e em seu funcionamento social, pela ideologia, muitos deles, nem sequer tem conhecimento que são reféns de seu próprio discurso ideológico uma vez que, não há sujeito sem ideologia.

Os sujeitos, acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus servos assujeitados, seus suportes, ou ainda, refém de um “padrão ideal” estipulado e exigido pela sociedade, que dita quem ou o quê serve para viver em sociedade, ou deve ser excluído da mesma. Seus discursos são povoados pelas vozes de outrem e eles produzem, mais e mais discursos, se apropriam das vozes bíblicas, sem ao menos tentar se apropriarem do mais simples dos mandamentos (escritos na mesma bíblia) “Não julgueis, para que não sejas julgado”. Porque os pecadores então, sempre insistem em atirar a primeira pedra? Ao meu ver, não há base para tais discursos, nem teológicos tampouco científicos. E assim, a partir desse discurso religioso, notoriamente percebe-se que o mais importante para alguns religiosos não são as relações sociais por meio da pacificidade e amor ao próximo, mas manter viva a defesa sustentada a milênios, feita por uma interpretação errônea da Bíblia no campo da moral. Outra observação que podemos citar mediante esta análise é que o discurso do líder religioso está isento dos

pressupostos ideológicos da política conservadora. Este discurso dificilmente sofrerá represálias.

Finalmente, as referências utilizadas para se fazer reféns de preconceito não tem consistência, mas funcionam muito bem para esse fim. Com a pluralidade dos discursos e a humanização das diversidades, espera-se que, não só os homossexuais, mas que também todas as minorias possam comungar da produção e convivência pacífica em todos os desdobramentos sociais. Porém, o preconceito contra o homossexual é cíclico, ora mais sutil ou simbólico; ora mais corrosivo, mediante o contexto social e político.

Por fim, percebe-se que no discurso analisado, para que se cumpra a promessa de vida eterna feita para os que se assujeitam a Deus, é preciso comungar dos preceitos e segui-los conforme ensinou a igreja. Entretanto, existe uma ameaça discursiva constante, aos interlocutores que ousam não submeter-se à vontade divina. A ideia de contradição aparece, pois, se de um lado existe a ideia de salvação por meio da remissão dos pecados, é possível pensar também na perdição eterna, na morte, no inferno e que a ira de Deus cairá sobre todo aquele que não se assujeite a ele. Assim, o discurso religioso passa a constituir-se em promessa, aos sujeitos que se assujeitam ao Outro Sujeito, e uma ameaça, aos indivíduos que não reconhecem o Sujeito ORLANDI, (2003, p. 242).

É imprescindível que, a sociedade se levante em defesa dessas minorias que são massacradas por homofobia travestida de religiosidade. O excesso de ignorância religiosa, ainda está matando muita gente ao redor do mundo, se faz necessárias pesquisas como esta, que desmistifiquem a interpretação dada a Bíblia, que as doutrinas religiosas insistem em manter.

O DISCURSO BIBLÍCO PROPAGADO COMO FORMA DE SEGREGAR O  
HOMOSSEXUAL

Daniely Almeida de Lima  
Alfredina Rosa Oliveira do Vale

**ABSTRACT:** the speech has existence in externality of language, the social is marked socio-historico-ideological. Based on this statement this text aims to study the religious speech of Pastor Marco Feliciano, in an interview shown on "reporter connection", the SBT station, on May 3, 2015 and thus, based on critical analysis speech, we pretend to analyze how their religious theory of homoafetividade, spread prejudice, authoritarianism and intolerance on the part of society, which shares the same theory, in order to curb homoafetivas practices and how the use of this religious discourse comes. It is used as a weapon against everyone who does not base his speeches and attitudes as discursive subject, this ideological branch, among many others available to us humans.

**Key word:** speech. Religiosity. Preconception. Homoafetividade.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- BAUMAN,Z. (2000). **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt. (2003). **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FREUD,S. (1905- 1089). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade 2**. ed. RJ: Imago
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 11. Ed. Petrópolis, RIO DE Janeiro: vozes, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**. In.: FELIPE, Jane. VILODRE, Silvana Goellner. (Orgs). 5. Ed. Petrópolis, RIO DE Janeiro: vozes, 2010.
- MEIRA, Y. M. (2004). **A homossexualidade na perversão**. In: PORTUGAL, A. M et al. (Orgs.). Destinos da sexualidade. São Paulo: C. do Psicólogo.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- . **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimento**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.
- . **A linguagem e seu funcionamento**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. **Discurso e texto:Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, São Paulo: 3ª ed. Pontes, 2008.: Pontes.
- PÊCHEUX, M. 1969. *Semântica e Discurso. Uma Crítica e Afirmação do Óbvio*. Tra. Eni P. de Orlandi et alii. Campinas: UNICAMP, 1988
- PECHEUX,M. **Análise automática do discurso**. In.: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso – introdução a obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp. P. 61 -, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª ed.

PECHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento/ Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi – 5ª ed, Campinas, são Paulo. Pontes Editores, 2008..

POSSENTI, sírio. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito.** 2ª ed. Paraná: Cortez, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Análise de Discurso.** In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). Introdução à linguística III: domínios e fronteiras. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VAN DIJK, T. **Semântica do discurso.** In: PEDRO, E. R. (Org.) Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.